

**O ANALISTA DE DESEMPENHO NO BRASIL:  
PANORAMAS E PERSPECTIVAS NO FUTEBOL PROFISSIONAL**Vitor Augusto Paíé Correia<sup>1</sup>, Luis Felipe Nogueira Silva<sup>1</sup>, Alcides José Scaglia<sup>1</sup>**RESUMO**

A análise de jogo ou análise de desempenho, dada sua relação com a otimização de performances, ganhou relevância nas últimas décadas no futebol voltado ao alto rendimento como modo de minimizar as imprevisibilidades, inerentes ao jogo, a partir da identificação de forças e fraquezas coletivas e individuais de uma equipe e seus adversários. Tais tarefas, por muito tempo executadas pelo próprio treinador, passaram a ser, tamanha demanda de informações e aumento dos níveis de exigências competitivos, operada por um profissional específico: o analista de desempenho, figura recorrente em grande parte em clubes de futebol profissionais no Brasil. O objetivo do estudo, assim, passou por investigar os panoramas e perspectivas de profissionais da análise de desempenho quanto à função que ocupam no contexto do alto rendimento. Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, cuja organização das respostas pautou-se na técnica de Análise de Conteúdo. Foi possível apurar que o interesse à função é pavimentado pelo ambiente acadêmico e que as demandas do profissional da análise de desempenho estão norteadas por três vertentes: prospecção de atletas, análises quali-quantitativas de adversários, análises quali-quantitativas da própria equipe, tanto no âmbito coletivo, quanto individualmente, sendo passível também por uma quarta dimensão voltado à análise dos treinamentos. Tal visão pressupõe a superação desse profissional como mero coletor e administrador de dados estatísticos em favor de indivíduos que detenham competências pedagógicas, profundo conhecimento a respeito das dinâmicas específicas do jogo de futebol, bem como o estabelecimento de relações didáticas com os atletas de uma equipe e, sobretudo, com o treinador e sua comissão de auxiliares.

**Palavras-chave:** Análise de jogo. Análise de desempenho. Futebol. Alto rendimento.

**ABSTRACT**

The performance analyst in brazil: Panoramas and perspectives in professional football

Game analysis or performance analysis, given its relationship with performance optimization, has gained relevance in recent decades in high-performance football as a way to minimize the unpredictability inherent in the game, based on the identification of collective strengths and weaknesses and of a team and its opponents. Such tasks, for a long time performed by the coach himself, became such a demand for information and increased levels of competitive requirements, operated by a specific professional: the performance analyst, a recurrent figure largely in professional football clubs in Brazil. The objective of the study, therefore, was to investigate the panoramas and perspectives of professionals in performance analysis regarding their role in the context of high performance. For this purpose, semi-structured interviews were carried out, and the organization of the answers was based on the Content Analysis technique. It was possible to verify that the interest in the function is paved by the academic environment and that the demands of the performance analysis professional are guided by three aspects: prospecting athletes, quali-quantitative analysis of opponents, quali-quantitative analysis of the team itself, both in the collective scope, as individually, being also subject to a fourth dimension aimed at the analysis of training. Such a vision presupposes the overcoming of this professional as a mere collector and administrator of statistical data in favor of individuals who have pedagogical skills, deep knowledge about the specific dynamics of the football game, as well as the establishment of didactic relationships with the athletes of a team and, above all, with the coach and his auxiliary committee.

**Key words:** Game analysis. Performance analysis. Football. High yield.

1 - FCA/UNICAMP, Limeira, São Paulo, Brasil.

**INTRODUÇÃO**

O esporte, em diversos lugares do mundo, possui importante papel sociocultural e exerce forte influência na vida humana, tido como um dos fenômenos sociais e econômicos mais importantes dos séculos XX e XXI (Neves, 2009; Reverdito, Scaglia, 2009).

O futebol, uma das modalidades esportivas, mais populares do planeta tem sua origem moderna na Grã-Bretanha, berço das primeiras revoluções industriais, o que contribuiu para que, ainda nas primeiras décadas do século passado, o jogo, além de se disseminar mundo afora, despertasse forte mobilização de interesses econômicos e capacidade impressionante em sustentá-los até hoje (Ali, 1988).

O processo de espetacularização do futebol foi consonante à criação de uma indústria voltada à modalidade, dada sua rentabilidade e sua perenidade nas mais diversas classes sociais.

A obtenção de resultados esportivos, pautada pela lógica do capital, passou a se justificar pela voraz busca pela otimização da performance de jogadores(as) e tudo o que ronda o seu entorno, contemplando suas vertentes táticas, técnicas, físicas e mentais (Almeida, 2011; Brites, 2015).

À medida em que a relação entre desempenho e lucro financeiro se fortalecia, cresciam também as exigências competitivas e o modus operandi para lidar com a preparação de uma equipe frente aos seus concorrentes.

Assim, deu-se a introdução de figuras como a do treinador, com vistas ao resultado esportivo, e posterior inserção de um corpo de pessoas, denominadas de equipe ou comissão técnica, para auxiliá-lo (Bottaro, 2009; Brites, 2015).

Alvo crescente de estudos acadêmicos, o(a) treinador(a) de futebol possui atribuições e saberes específicos requeridos à sua profissão.

Cotê e Gilbert, (2009) destacam que o treinador esportivo deve desenvolver competências interpessoais, intrapessoais e profissionais - estando essa última categoria relacionada ao estudo particular sobre o jogo ou modalidade com a qual está envolvido (Kunh, 2005).

O termo 'análise de jogo' foi, então, cunhado para contemplar processos com observação de ocorrências, notação e interpretação de dados (Bacconi, 1995; Hughes, 1996).

Garganta (2001) ressalta que a análise de jogo, enquanto processo que otimize a performance esportiva e auxilie a tomada de decisão do(a) treinador(a) esportivo(a) a partir da compreensão de ações e comportamentos de jogadores, passível de evoluções constantes (McGarry, 2009; Sarmiento, 2012; Malta, Travassos, 2014).

O primeiro registro de sistema análise de jogo esportivo coletivo, caracterizado pela existência de elementos como bola, terreno demarcado, alvos de defesa e ataque, parceiros, adversário e regras (Teodorescu, 1984; Bayer, 1994; Garganta, 1997), remete ao basquetebol nos Estados Unidos em 1931 (Garganta, 2001).

Mais de duas décadas mais tarde, foi elaborado o primeiro trabalho científico que atrelou futebol e análise de jogo, na Inglaterra, assentando o caminho para que novas literaturas fossem desenvolvidos nos anos seguintes quanto à temática e permitindo que Garganta (2001) ratificasse a análise de jogo no futebol como um esmiuçar sobre o jogo, em seu caráter sistêmico, caótico, irreduzível e imprevisível, por meio da observação coleta e interpretação de dados obtidos de treinos e jogos tanto da própria equipe quanto de equipes adversárias (Scaglia, 2003).

A análise de jogo voltada ao futebol, desse modo, referenda estudos e obtenção de dados a partir de observações de natureza técnico-tática, para gerar, por exemplo, constrangimentos ao sistema defensivo da equipe adversária e, por consequência, oferecer maior confiança nas ações ofensivas da própria equipe, embasada pelos treinamentos e decisões do (a) treinador(a), com vistas à potencialização do rendimento esportivo (Garganta, 2000; Carling e colaboradores, 2005; Castelo, 2009; Ventura, 2011; Clemente, 2014).

A partir da análise de jogo, em suma, o(a) treinador(a) define estratégias - modos de preparação de uma equipe para enfrentar os adversários - e táticas, formas como os jogadores(as) ocupam o campo de jogo, desejadas (Lucas, 2001; Silva e colaboradores, 2011; Thiengo, 2020).

Egerland (2013) considera imprescindível que o(a) treinador(a) esteja atento às imprevisibilidades que o jogo esportivo coletivo apresenta para otimizar seus treinamentos e tomadas de decisão durante uma partida competitiva, comungando essa tarefa com seu corpo de auxiliares.

Martens (1981) e Silva e colaboradores, (2018), especificam que o êxito do trabalho do(a) treinador(a) em uma equipe esportiva não está diretamente relacionado apenas ao número de vitórias, mas também à gestão de recursos e estratégias, provindas da interpretação e análise dos fatores envolvidos nas distintas fases e momentos de jogo com o intuito de contornar as inúmeras problemáticas dele emergidas (Scaglia, 2003).

Pereira (2006) reforça que o(a) treinador(a) deve ter, de modo claro, as ideias sobre as ações técnico-táticas de sua equipe para construção de um modelo de jogo, a partir do desenvolvimento das sessões de treino, exposição à situações-problemas (Leitão, 2009).

É o modelo de jogo, dessa forma, quem norteará os objetivos das análises de jogo, baseado na exteriorização dos saberes técnico-táticos dos(as) jogadores(as), nas ideias de jogo trabalhadas pelo(a) treinador(a) e nas tomadas de decisões de ambos(as) durante as partidas competitivas (Garganta, 1997).

A construção do modelo de jogo no futebol está fundamentada por dois cenários, segundo Maças (1997): o primeiro, atrelado às ideias de jogo do(a) treinador(a) sobre sua própria equipe; o segundo, caracterizado pela concretização, de fato, de como a equipe vem executando as ideias de jogo.

A análise de jogo auxiliará, também, na comparação entre esses cenários e avaliação individual e coletiva no que diz respeito aos objetivos propostos pelo(a) comandante (Garganta, 1997).

A sofisticação da análise de jogo no futebol tem sido, desde o início do século vigente, pelo aperfeiçoamento de softwares, capaz de coletar, armazenar e administrar informações em quantidades exorbitantes e modo preciso.

Tamanho complexidade da gestão de dados provenientes de jogos e sessões de treinamento fomentou a inserção da figura do analista de jogo - ou de desempenho, como tem se popularizado no Brasil - para exercer funções antes repartidas pelo treinador(a) e seus auxiliares mais próximos (Leitão, 2004).

O objetivo do presente estudo está, portanto, em verificar o impacto da função do analista de jogo no contexto de alto rendimento do futebol e descrever saberes e experiências relevantes às tarefas executadas, de cunho quantitativo e qualitativo, bem como

a relação e administração das informações com o(a) treinador(a) e sua equipe técnica.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O estudo teve caráter qualitativo, na medida em que processos como transcrição de respostas, gestão, aprofundamento, estruturação e alerta à fidedignidade dos dados, análise de conexões verossímeis ou não com o arcabouço teórico, discernimento reflexivo quanto aos processos de escrita e representação foram utilizados (Gil, 2008; Sparkes, Smith, 2014).

A amostra de participantes foi selecionada a partir de um critério de inclusão, sendo escolhidos seis indivíduos que desempenham ou desempenharam a função de Analista de Desempenho no contexto do alto rendimento do futebol no Brasil por pelo menos dois anos.

Todos eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos da Universidade Estadual de Campinas, pelo parecer nº 3.743.638, e CAAE: 22630919.5.0000.5404.

Optou-se pela realização da entrevista considerando justamente o panorama complexo que norteia o ambiente esportivo, de modo geral, e, de maneira mais delineada, o ambiente futebolístico. A entrevista, além de encaminhar dada harmonização entre pesquisador e participante da pesquisa, abrange a investigação de informações diversas e passíveis de uma análise mais profunda (Yin, 2011).

Seu caráter semiestruturado, sem que houvesse a regulação de um padrão pré-estabelecido, formulado, portanto, com perguntas abertas, mas que ainda assim permitiram aos sujeitos entrevistados a flexibilidade o bastante para destilar opiniões, ideias, sentimentos e atitudes a respeito do tema abordado pela pesquisa (Sparkes, Smith, 2014).

As informações recolhidas foram analisadas indutivamente em concordância com a Análise de Conteúdo, descrita por Bardin (2011), ou seja, uma análise sistemática de modo a obter detalhes de crenças, percepções e descrições acerca da investigação sobre a comprovação das características ideais de um treinador de futebol, enriquecendo a tentativa exploratória.

**RESULTADOS**

Após a coleta dos dados por meio das entrevistas, foi executada, a partir do roteiro de perguntas, uma descrição analítica, que trataram, fundamentalmente, de estimular os sujeitos entrevistados a manifestarem suas

impressões e compreensões acerca de sua função profissional.

Cada um dos seis participantes concordou em participar do estudo sob condição de anonimato, sendo, assim, identificados por P1, P2, P3, P4, P5 e P6.

**Quadro 1** - Principais excertos extraídos das entrevistas transcritas.

Unidades de Contexto	Subcategorias	Categorias
<p>“A análise de desempenho eu comecei a gostar já no segundo semestre da faculdade quando eu participei de um grupo de estudo (...) tinham um projeto de fazer o scout de jogos da Liga dos Campeões da Europa na época e, então eu comecei a fazer alguns scouts e coleta de dados dos jogos, ali eu comecei a gostar.” (P3)</p> <p>“Sempre gostei bastante do esporte e essa parte envolvendo mais os bastidores, comissão, estatística, parte de vídeos e preleções, enfim, e tive a oportunidade de no estágio da faculdade ir para essa área de análise de desempenho.” (P5)</p> <p>“Quando estava para prestar vestibular, conheci o curso de Ciências do Esporte e comecei a sentir mais interesse pela área de análise, eu sabia que havia duas formas que eu poderia entrar no mundo do futebol, ou era a preparação física ou era a análise de desempenho.” (P6)</p> <p>“O laboratório de pesquisa na faculdade foi o que mostrou a análise, não tinha conhecimento dela antes, era uma coisa bem nova, bem recente no Brasil, e então, ver a análise dentro do laboratório e depois ter essa primeira oportunidade no campo foi quando eu decidi que eu queria ser analista.” (P2)</p>	Ambiente acadêmico	Interesse
<p>“Eu vou trabalhar (...) como fisiologista do exercício para trabalhar com avaliações na dimensão física do rendimento e depois essa função é transformada, a gente amplia ela para a análise de desempenho competitivo, com a finalidade de cuidar das demais dimensões do rendimento esportivo.” (P1)</p> <p>“O tempo que estive na Europa, por exemplo, no turno contrário dos meus treinamentos, eu morava na Alemanha, eu estagiar nas categorias de base e fui aprender o idioma alemão (...)e eu acabei seguindo para a área de análise de desempenho.” (P4).</p>	Ambiente profissional	Interesses
<p>“Acredito que a função do analista de desempenho auxilia muito nas tomadas de decisões que a comissão técnica pode ter, ou seja, ela não vai te dar a resposta e ela não vai ser a palavra final.” (P3)</p> <p>“Existem muitos cursos de analista de desempenho vendendo como se fosse uma porta de entrada para o futebol e isso é o maior erro que está acontecendo, está criando antipatia do treinador com analista. O analista precisa primeiro entender que ele pode ser</p>		

treinador no futuro, pode, mas enquanto ele for analista ele tem que entender que ele é analista e quem toma a decisão final do processo é sempre o treinador, a gente está lá para ajudar ele.” (P1)	Compreensão do seu papel na comissão técnica	Funções
“O analista de desempenho em cada clube vai ter a função específica, mas ele vai produzir informações do adversário, produzir informações da sua própria equipe de acordo com o modelo de jogo que a equipe se propõe a jogar, de acordo com os erros e acertos que a comissão técnica acredita que tenha visto no jogo.” (P3)		
“O analista é a pessoa que avalia o rendimento esportivo a partir de um método.” (P1)		
“O trabalho não começa no jogo. O primeiro passo é você entender como projeto dentro da comissão técnica o que você quer avaliar, partindo disso você sabe o que você quer avaliar na dimensão tática e na dimensão técnica” (P1)		
“A principal função do analista é organizar informações e passar ela de uma maneira clara e objetiva para o treinador.” (P2)		
“Na verdade, o analista tem que ter muito feeling do que fazer, de como fazer, quando falar e se é que vai falar ou não.” (P4)		
“Nós somos o reduto de informações para que a gente possa achar uma tendência e sempre falamos que o analista busca diminuir as imprevisibilidades.” (P4)	Compreensão do seu papel	Funções
“É uma área que está constantemente em ascensão e que necessita, sim, da tecnologia para otimizar o tempo. No entanto, não esse o diferencial, o diferencial do analista é o quanto ele se preparou e o quanto ele investe na capacidade de leitura de jogo, na capacidade do olhar técnico sobre atleta.” (P4)		
“O analista de desempenho faz parte da comissão técnica e pode até ser dito como um auxiliar do treinador, é um cara que está ali para ajudar seja com informações e dados para não somente ao treinador, mas também a comissão técnica e de uma maneira integrar as áreas do clube, sendo a parte física, técnica, psicológica.” (P5)		
“Nós precisamos acompanhar os treinos para entender qual que é a linguagem e modelo de jogo do treinador para saber se o que acontece no jogo está sendo correspondido ao treino, se o que foi treinado foi feito no jogo.” (P5)		
“Nós, querendo ou não, somos os caras da tecnologia, somos os caras que conseguem mexer no software de futebol de uma forma mais fácil, conseguimos mexer no computador de uma forma mais fácil, conseguimos editar vídeo de uma forma mais fácil e prática do que outros membros da comissão.” (P6)		
“O analista tem três vertentes para trabalhar, analista de mercado, análise do seu próprio time – análise técnica e tática do seu próprio time – e análise do seu adversário.” (P2)		
“O analista tem que estar apto a trabalhar e andar		



nessas três áreas: análise da equipe, do adversário e de mercado” (P4)		
“Tem vários exemplos pelos lugares que já passei (...) de um goleiro adversário que jogava adiantado e a gente conseguiu instruir nossos atletas a buscar esse chute com a bola coberta que deu resultado.” (P4)		
“Teve um caso que nosso meia, ele é um meia atacante e não estava conseguindo fazer passes decisivos, finalizar, tinha poucas tomadas de decisão no último terço, enfim, aí a gente começou a conversar e falar que ele estava buscando uma bola que estava vindo muito de trás e que a bola não estava chegando nele (...) e já nesse próximo jogo ele fez dois gols e a gente ganhou essa partida. No final, ele agradeceu e foi bem bacana.” (P5)	Visualização da influência do trabalho em campo	
“Uma coisa que ficou marcante foi que, no jogo mais importante do ano, saiu um gol de uma jogada ensaiada estudada, que o treinador deu a liberdade para montar.” (P2)		
“Acho que principalmente em relação a análise de adversário, em relação a você conseguir ver um comportamento (...), você vê que um zagueiro é sempre atraído no movimento do centroavante, então, se o centroavante sair um pouquinho da área atrai o zagueiro junto e abre o espaço para o ponta entrar.” (P6)	Visualização da influência do trabalho em campo	
“Claro que cada clube vai ter a sua metodologia e o analista vai ter uma função um pouco diferente dos outros clubes, mas acho que a cada dia os analistas vão ter uma função muito parecida nos clubes.” (P3)		
“A análise de desempenho como função e como você conhece, ela vai acabar (...) Ela é uma parte de um processo, e o processo não começa com o jogo, a análise de desempenho como no jogo vem de match analysis e a proposta inicial dela, há muito tempo atrás e surge na Inglaterra, mas o jogo depende daquilo que é feito no processo de treinamento.” (P1)		
“Nesse modelo que a gente está concebendo-a, hoje, o analista passa a maior parte do tempo coletando informação e passa pouco tempo analisando (...) A médio prazo isso vai acabar.” (P1)		
“Na verdade, vejo que o futuro é o presente nesse caso. A profissão está em alta já faz alguns anos e eu acho que 100% das equipes de Série A, talvez nem contem com um setor, assim, digamos bem estruturado, mas já possuem a figura do analista presente dentro da sua comissão e isso é o que importa.” (P4)	Perspectiva para o futuro	
“Espero, agora, é que os clubes comecem a olhar agora para os protocolos, criar índices de performance e formas de estar desenvolvendo os atletas da base.” (P6)		
“O analista tem que ser do clube e não do treinador nesse tipo de caso, porque senão você fica dependente só do que o cara quer.” (P6)		

Funções

<p>“Eu acho que a função tem a cada vez mais crescer (...) porque hoje você consegue ver principalmente nos campeonatos menores, o time que não tem analista e não tem uma análise forte, não chega, você está com a informação muito atrasada.” (P2)</p>		
<p>“Eu tenho o objetivo de filmar todos os treinos, sem exceção (...) e disponibilizar essa filmagem a toda comissão técnica e dentro de uma necessidade de fazer uma edição com os melhores momentos com erros e acertos para passar pros jogadores.” (P3)</p>	Análise Qualitativa	Processos
<p>“Se estou olhando para a minha equipe, vou analisar dependendo do que a gente treinou naquela semana (...) ao final daquele período podemos sentar e falar só sobre isso e vamos analisar se aquela quantidade de conteúdo foi manifestada para as jogadoras, se eles apareceram, como apareceram, quanto que apareceram e qual a sua precisão.” (P1)</p>		
<p>“Eu trabalhava com a análise qualitativa dos princípios táticos, a gente via estruturalmente o que a equipe estava apresentando, mas isso depois que estávamos estabelecidos nas competições formais.” (P1)</p>		
<p>“A gente vai coletando essa informação, vai organizando e, aí sim, faz a transmissão da informação e a transforma em conhecimento, geralmente junto com as comissões técnicas e com os jogadores, esse é fluxo de informações e da forma que o analista trabalha.” (P4)</p>		
<p>“Fazia o relatório e entregava para a comissão. Depois disso, pegava as últimas quatro escalações e todas as notícias da semana do rival, quem eram os prováveis titulares deles dentro das notícias dos portais, e, aí, eu fazia um vídeo de cada jogador.” (P6)</p>		
<p>“Hoje, quando vamos falar de análise do nosso próprio time, temos que analisar o comportamento dos jogadores, alguns comportamentos que eram para ter ocorrido e não ocorreu de acordo com o nosso modelo.” (P2)</p>		
<p>“Após essa coleta de dados, eles são comparados com os dados que nós já temos no banco de informações ao longo do ano para comparar se houve ou não evolução dos jogos, se nós estamos dentro da média da competitividade que estabelecemos ao longo do processo.” (P3)</p>	Análise Quantitativa	Processos
<p>“Atualmente, utilizo alguns softwares gratuitos e alguns softwares que o clube faz o pagamento anual.” (P3)</p>		
<p>“Faço a análise pelo iPad com a utilização do nosso protocolo em softwares, então, faço meu protocolo no iPad e já gera um scout.” (P5)</p>		
<p>“Nós temos a parte visual através dos vídeos, mas também tem muitos sites e ferramentas que já nos geram muitos dados, essas plataformas geram relatórios com muita quantidade de dados e informações que você tem que saber o que você quer junto com a comissão técnica para filtrar essas informações.” (P5)</p>		

<p>“No pós-partida, a gente fazia um levantamento de dados, pegava todo o levantamento de dados e acompanhávamos estatisticamente os nossos atletas e ia comparando com os atletas dos outros clubes para saber qual que era o desempenho.” (P6)</p>		
<p>“Quantitativamente, nós usamos o protocolo de scout, número de passes, passes certos, passes errados, aproveitamento de passes, finalizações...” (P2)</p>		
<p>“O treinador vai ter a palavra final com o auxílio dos dados e com o auxílio das informações do dia a dia do preparador físico, do fisiologista, do médico, do fisioterapeuta e do analista de desempenho.” (P3)</p>	Relação com a comissão	Relacionamentos
<p>“Tem comissões que você tem um papel até de influenciar uma convocação para o jogo ou uma escalação, influenciar no sentido de ter a resposta e perguntar “O que você acha?” ou “Qual é a sua opinião?”, e tem algumas comissões que prefere conversar entre eles e você tem que dar todo o respeito.” (P3)</p>		
<p>“Depende da relação que você estabelece com a sua comissão técnica (...) naturalmente, a partir da nossa análise, vai se construindo o conteúdo do próximo treino, porque a finalidade máxima da análise de desempenho, além de mostrar se o atleta está desempenhando bem e se está melhorando ou não, é transformar essa informação em saber.” (P1)</p>		
<p>“Nada que o diálogo e o alinhamento de ideias sejam um problema, pelo contrário, por isso que o profissional deve se capacitar. Quando uma comissão técnica nova chega ao clube, a gente se apresenta e alinha o trabalho de acordo com as preferências do treinador.” (P4)</p>		
<p>“Lógico que quem sempre toma as decisões é o treinador, mas você sempre fornece os dados, as informações e toda a parte que analisa para estar ajudando no que ele precisa para tomar a melhor decisão.” (P5)</p>		
<p>“Tive treinadores que gostavam mais e treinadores que gostavam menos, mas todos usaram a análise, cada um com um enfoque.” (P6)</p>	Relação com a comissão	Relacionamentos
<p>“Muita gente fica com medo da máquina substituir o analista (...) pode fazer tudo o que o analista faz na edição de vídeo, isso aí vai acontecer... Já fazem automaticamente, mas só que a parte do feeling com o jogador, a parte do feeling com a comissão técnica e a parte da tomada de decisão a máquina nunca vai conseguir fazer.” (P2)</p>		
<p>“Talvez o analista muitas vezes confunda o papel dele, porque dentro de uma comissão técnica, o treinador é o que vai ter maior gama de responsabilidade.” (P2)</p>		
<p>“A decisão é dele e, por alguns motivos, ele não toma a decisão que você quer (...), mas tem os motivos dele para não fazer isso.” (P2)</p>		
<p>“A partir do momento que o analista começa a querer tomar a frente do treinador, está errado. Alguém está invadindo o espaço do outro, assim como treinador</p>		



não pode vir falar alguma coisa que ele não sabe sobre a análise." (P2)		
"É interessante que os técnicos mais velhos que tem 30, 40 anos de bola está entendendo que é importante ter o analista, tipo, não é só simplesmente olhar o adversário e olhar um jogo do adversário que você vai entender tudo o que eles fazem, tem comportamentos que mudam de jogo pra jogo." (P2)		
"A jogadora não é um receptor da sua informação, ela é uma construtora da sua informação" (P1)	Relação com os/as atletas	
"Não consigo conceber uma análise de desempenho que não seja uma análise de desempenho pedagógica, que a informação tenha finalidade de transformar a capacidade dela de jogar melhor." (P1)		
"Tive alguns casos, sim, de que foi difícil o jogador entender, mas não é uma falta de interesse dele, é mais uma falta de conhecimento dele, de não entender muito de estratégia e só saber técnica e correr pra frente. Então, você tem que pegar na mão e mostrar." (P2)	Relação com os/as atletas	

As unidades de contexto permitiram a extração, pela Análise de Conteúdo, de quatro categorias macros relacionadas às papel do analista de desempenho no futebol de alto rendimento: interesse (a partir do relato dos ambientes em que os participantes manifestaram interesse pela função), funções (ao estabelecer relações entre a compreensão dos desígnios da profissão, percepção do impacto do trabalho e perspectivas quanto ao futuro da função) processos (através das descrições das naturezas quantitativas e qualitativas das tarefas desempenhadas) e relacionamentos (procedimentos interpessoais no cotidiano com treinadores, comissão de auxiliares, jogadores e jogadoras).

### Interesse

A análise de jogo vem, paulatinamente, ganhando espaço e relevância no alto rendimento esportivo, o que, por consequência, tem aumentado o número de profissionais especializados na área dentro de clubes de futebol pelo mundo (Leitão, 2004), ainda que, no contexto brasileiro, os dados coletados permitem concluir que a popularização da figura do profissional que se dedica, especificamente, à análise de jogo, é recente.

Ademais, o profissional da análise de jogo tem sido comumente definido, por aqui, como analista de desempenho – definição que

é utilizada pelos próprios pares e cursos de formação.

A média de idade dos participantes foi de 28,5 anos. Todos eles possuem graduação completa em Educação Física ou Ciências do Esporte e revelaram que o ambiente acadêmico fomentou o interesse pela análise de desempenho no alto rendimento esportivo. Relativamente nova, enquanto área e departamento independente, a análise de desempenho significou uma porta de entrada a indivíduos que almejavam chegar ao futebol por outras vias, como a preparação física ou mesmo o cargo de treinador.

### Funções

Pereira (2006) realça o entendimento de que as funções desempenhadas pelo analista de desempenho detêm caráter subalterno ao treinador, que, por sua vez, assume papel de protagonismo na implementação de táticas e estratégias.

Ao analista, assim, cabe ser um agente ativo que auxilie o treinador, a partir da coleta e gestão de informações, a tomar decisões efetivas (Hughes, 2007).

Há, contudo, dada preocupação entre os analistas entrevistados quanto ao rompimento da hierarquia:

Além do mais, muitos dos processos executados por esses profissionais tem início antes mesmo do jogo, propriamente dito, a partir do alinhamento de ideias do analista de

desempenho com as ideias, crenças e concepções do treinador e sua comissão de auxiliares quanto à elaboração do modelo de jogo (Pereira, 2006).

É o modelo de jogo, afinal, quem conduzirá o analista a definir a natureza dos dados a serem observados, o processamento de informações e avaliação dos rendimentos coletivos e individuais, abarcados pelas dimensões técnico-táticas do jogo:

A qualidade das análises de jogo está atrelada ao domínio das tarefas pressupostas, adquirido no cotidiano de trabalho, complementada pela acurácia na coleta e

interpretação dos dados, percepção acentuada das dimensões físicas, técnicas e táticas do jogo de futebol e domínio de softwares e plataformas tecnológicas, capazes de otimizar o tempo e fornecer informações precisas em tempo cada vez menor.

A fala dos participantes permitiu, também, inferir certo consenso de que a função de analista de desempenho é regulada por três diferentes vertentes: captação de atletas, análise de jogo da própria equipe e análise de jogo da equipe adversária (Quadro 2).

**Quadro 2** - Conceitos referente a cada área em que o profissional de análise de desempenho pode realizar.

Análise de 'mercado'	Concentra-se na interpretação de ações individuais e coletivas de atletas, que possuem potencial identificação com filosofia do clube e modelo de jogo, esboçado pelo treinador, e se enquadram na realidade financeira para compor o elenco.
Análise da própria equipe	Processo de recolhimento de informações e produção de conhecimento acerca do desempenho individual e coletivo da própria equipe a partir de jogos oficiais e treinamentos.
Análise da equipe adversária	Destaque de pontos de natureza técnico-tática da equipe adversária nas diferentes fases e momentos de um jogo de futebol.

Podemos, portanto, afirmar que os ofícios destes sujeitos não se restringem à mensuração da performance esportiva, seja ela individual ou coletiva, com fim único de esmiuçar o jogo de futebol e seu sistema e interações complexas (Freire, 2003; Scaglia e colaboradores, 2013).

Está, também, relacionado ao mapeamento mercadológico para identificar, atrair e captar atletas potencialmente aptos a integrar o elenco da equipe, conforme modelo de jogo, filosofia do clube e política financeira vigente.

Cada uma dessas vertentes pode compor setores em um departamento voltado à análise de desempenho sem, necessariamente, que os analistas sejam especializados em uma delas, mas estejam aptos a atender aos pressupostos de cada uma delas conforme o contexto político, financeiro e esportivo. Quanto menores os investimentos dos clubes em recursos humanos nos departamentos profissionais, maiores tendem a ser as demandas dos analistas de desempenho.

As percepções gerais quanto à melhora do rendimento coletivo e individual estiveram fundamentadas, tanto nas ações táticas dos jogadores, e estratégias construídas pelos treinadores nos jogos (Thiengo, 2020).

Em uma das unidades de contexto destacadas na Tabela 1, P#2 fala do 'feeling' na relação e comunicação com atletas e treinadores, elementar para que sejam suprimidas hipóteses como a sobreposição tecnológica ao ser humano, denotada pela utilização de softwares que executam com primazia o scouting, enquanto registro de um conjunto de informações das variáveis do jogo de futebol (Rocha, 1996; Thomas, Nelson e Silverman, 2012).

É possível, desse modo, oferecer uma conotação pedagógica à função do analista de desempenho no futebol de alto rendimento, na medida em que esse profissional transcende a absorção e gestão de dados, a partir da observação de jogos e, como destacado por P#1, aos processos de elaboração de sessões de treinamento, para fomentar saberes

relacionados às especificidades e exigências da modalidade.

Desse modo, o analista de desempenho estabelece, a partir de um Método, processos de coleta, filtro e organização de dados, para fazer uso de premissas conceituais da Didática, entendida como teoria geral do ensino e prática social, ao transformá-los em saberes providos de significado e estabelecer um diálogo ao remetente dessas informações, seja o treinador ou o grupo de atletas (Franco, 2008; Libâneo, 2013).

As funções do profissional da análise de desempenho parecem, assim, passíveis de relação aos procedimentos que abarcam a organização, sistematização, aplicação e avaliação de conteúdos voltados ao desenvolvimento do esporte em alto rendimento, que Galatti e colaboradores (2014) estabelecem como concepções fundamentais da subárea da Pedagogia do Esporte.

### **Processos**

Ao conceituar a técnica do scouting Thomas, Nelson e Silverman (2012) assumem que os registros de informações são passíveis de análises quantitativas, dado o baixo grau de subjetividade dos dados e foco em aspectos relativos à frequência dos fenômenos. O desenvolvimento de softwares e ferramentas que otimizam os processos de observação e edição ofereceu ao analista de desempenho condições de filtrar dados relevantes, mais do que simplesmente registrá-los, para se dedicar a variáveis que apresentam alto grau de subjetividade e descrição minuciosa, como Thomas, Nelson e Silverman (2012) definem as análises qualitativas.

P#5, ao salientar que o 'diferencial do analista é o quanto ele se prepara e investe na capacidade de leitura de jogo', corrobora com Franks (1997) quanto a necessidade do analista de desempenho em investir esforços na identificação de questões táticas e estratégicas específicas do futebol que transcendam as estatísticas - sem, evidentemente, descartá-las por completo (Costa e colaboradores, 2010).

Nesse âmbito, o conhecimento apurado sobre o jogo, a identificação crítica de características marcantes da própria equipe e do adversário nos contextos formais do jogo e a construção de uma relação com jogadores e, sobretudo, treinador e sua comissão de

auxiliares por um viés pedagógico, são processos de natureza qualitativa aos quais o analista de desempenho, devem se debruçar, ao conceberem a análise de desempenho sob uma perspectiva interdisciplinar e voltada à otimização da performance esportiva (Knudson, 2002; Gil, 2012; Ventura, 2013).

Os processos estritamente quantitativos têm ganhado, assim, uma noção de complementariedade, não apenas pelas mudanças nas configurações dinâmicas do jogo de futebol, mas também pela implementação tecnológica que tem permitido aos analistas de desempenho se dedicarem à tarefas que não se restrinjam ao mecanicismo e a coleta de dados acrítica, característico do princípio científico analítico-sintético (Vasconcellos, 2002).

A concretização desses procedimentos depende, contudo, das condições estruturais de trabalho oferecidas ao profissional da análise de desempenho, o que sugere que clubes com menor poderio financeiro ou uma gestão esportiva amparada pelo paradigma tradicional e cartesiano, incapaz de conceber à análise de desempenho, recursos e esforços com uma visão de longo prazo (Duarte, 2017).

### **CONCLUSÃO**

Pode-se concluir que a figura do analista de desempenho, a despeito das restrições orçamentárias e mazelas administrativas, é figura que flerta com a consolidação profissional no alto rendimento do futebol no Brasil, tendo já alcançado nos clubes que disputam os mais competitivos campeonatos no país.

A sua função é um tanto quanto complexa e pode dividir em três diferentes vertentes, como a análise de mercado, análise da própria equipe e análise da equipe adversária, a primeira diz respeito a procura por atletas que compõem outros elencos e que possam agregar ao time desde que atuem de acordo com a filosofia do clube em questão e o modelo de jogo proposto pelo treinador.

Já as demais vertentes, correspondem a análise das duas equipes que se enfrentarão, onde, a análise da própria equipe tem como objetivo principal a redução de erros que se apresentaram em jogos anteriores e, a análise da equipe adversária é aquela que busca encontrar possíveis padrões de erros que podem ser aproveitados e que definem a estratégia que será utilizada.

É importante ressaltar a forma em que o analista se relaciona com o restante da comissão técnica e seus jogadores, aspecto tão relevante quanto às coletas e seleção de dados.

Sua influência, enquanto indivíduos que compõem a comissão de profissionais que auxiliam o treinador, não se restringem a episódios pontuais e, sim, aos processos para elaboração e construção do modelo de jogo, tanto em competições, quanto nos treinamentos.

## REFERÊNCIAS

- 1-Ali, A.H.A. statistical analysis of tactical movement patterns in soccer. In Reilly, T. (Ed.). World Congress of Science and Football, Liverpool. Routledge. 1988. p. 302-308.
- 2-Almeida, C. O Gestor Operacional de Futebol na organização do Grupo FC Porto - Estudo de caso do Team Manager do FC Porto - Futebol, SAD. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. Portugal. 2011.
- 3-Bacconi, A.; Marella, M. Nuovo sistema di analisi della partita in tempo reale. In: Preparazione atletica, analisi e riabilitazione nel calcio - 1º Convegno Nazionale AIPAC. Città di Castello: Edizioni Nuova Prhomos. 1995. p. 17-28.
- 4-Bardin, L. Análise de Conteúdo. 10ª edição. Lisboa: Edições 70. 2011.
- 5-Bayer, C. O ensino dos desportos colectivos. Lisboa. Dinalivros. 1994.
- 6-Bottaro, L. Análise de Scout em partidas de Futebol: finalizações da equipe do Cruzeiro Esporte Clube nos jogos da fase de grupos da Taça Libertadores da América de 2009. TCC de Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009.
- 7-Brites, J.S. Análise do desempenho da seleção alemã de futebol na Copa do Mundo FIFA 2014, referente aos fundamentos: desarme, posse de bola, passes completados e chutes ao gol, durante os 15 minutos finais e o tempo total de cada partida. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 7. Núm. 25. 2015. p. 332-337.
- 8-Carling, C.; Williams, A.; Reilly, T. Handbook of Soccer Match Analysis. Londres. Routledge. 2005.
- 9-Castelo, J. Futebol - Organização Dinâmica do jogo. Lisboa. Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. 2009.
- 10-Clemente, F.M. Análise de jogo no Futebol: Métricas de avaliação do comportamento coletivo. Motri. Vila Real. Vol. 10. Núm.1. 2014. p. 14-26.
- 11-Costa, I.T.; Garganta, J.M.; Greco, P.J.; Mesquita, I.; Seabra, A. Influence of relative age effects and quality of tactical behaviour in the performance of youth football players. International Journal of Performance Analysis in Sport. Vol. 10. Núm. 2. 2010. p. 14-26.
- 12-Cotê, J.; Gilbert, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. International Journal of Sports Science & Coaching. Vol. 4. Núm. 3. Fresno. 2009. p. 307-320.
- 13-Duarte, N. Contexto prático de um analista de jogo inserido no departamento de futebol profissional do Gil Vicente Futebol Clube. Porto: N. Duarte. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Porto. 2017.
- 14-Egerland, E.M.; Salles, W.D.N.; Barroso, M.L.C.; Baldi, M.F.; Nascimento, J.V. Potencialidades e necessidades profissionais na formação de treinadores desportivos. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol. 21. Núm. 2. 2013. p. 31-38.
- 15-Franco, M.A.S. A pedagogia como ciência da educação. In Franco, M. A.S.(Org.). Pedagogia como ciência da educação. 2ª edição. São Paulo. Cortez. 2008. p. 71-108.
- 16-Franks, I. Use of feedback by coaches and players. In Reilly, T.; Bangsbo, J.; Hughes, M. (Eds.), Science and football III. Londres. 1997. p. 267-268.
- 17-Freire, J.B. Pedagogia do Futebol. Campinas: Autores Associados. 2003.

- 18-Garganta, J.M. Modelação táctica do jogo de Futebol. Tese de Doutoramento em Ciências do Desporto. Universidade do Porto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. 1997.
- 19-Garganta, J.M. Análisis del juego en el fútbol: El recorrido evolutivo de las concepciones, métodos e instrumentos. Revista de Entrenamiento Deportivo. 2000. p. 5-14.
- 20-Garganta, J.M. A análise da performance nos jogos desportivos - Revisão acerca da análise do jogo. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Vol. 1. Núm. 1. 2001. p. 57-64.
- 21-Garganta, J.M. Dos constrangimentos da acção à liberdade de inter(acção) para um futebol com pés... e cabeça. In: Araújo, D.; Colaço, C.; Rosado, A. O contexto da decisão: A acção táctica no desporto. Visão e Contextos. 2005. p. 179-190.
- 22-Galatti, L.R.; Reverdito, R.S.; Scaglia, A J.; Paes, R.R.; Seoane, A.M.; Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e no ensino dos jogos esportes coletivos. Revista de Educação Física da UEM. Vol. 25. Núm. 1. 2014. p. 153-162.
- 23-Gil, A.C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª edição. São Paulo. Atlas. 2008.
- 24-Gil, A. Futebol: Análise do Resultado Final. Estudo de Quatro Ligas Profissionais Europeias. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. 2012.
- 25-Hughes, M. Notacional analysis. In Reilly, T. (Ed.), Science and Soccer Londres. E&F. N. Spon. 1996. p. 343-362.
- 26-Hughes, M.; Franks, I. The Essentials of Performance Analysis: An Introduction. Londres. Routledge. 2007.
- 27-Knudson, D.; Morrison, C. Qualitative analysis of huma movement. Nova Iorque: Champaign, IL. Human Kinetics. 2002.
- 28-Kunh, W. Changes in professional soccer: A qualitative and quantitative study. Paper presented at the Science and football V. Lisboa. 2005.
- 29-Leitão, R.A.A. Futebol: análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos em jogos. 99p. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas. 2004.
- 30-Leitão, R.A.A. O jogo de futebol: investigação de sua estrutura, de seus modelos e da Inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade. Tese de Doutoramento. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas. 2009.
- 31-Libâneo, J.C. Didática. 2ª edição. São Paulo. Cortez. 2013.
- 32-Lucas, C. Comparação entre a concepção do treinador e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva. Um estudo de caso numa equipa de Futebol de Júniores A. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Porto. 2001.
- 33-Maças, V. Análise de Jogo em Futebol. Identificação e caracterização do processo ofensivo em seleções nacionais de futebol júnior. Lisboa. FMH-UTL. 1997.
- 34-Malta, P.G.T.; Travassos, B. Caracterização da transição defesa-ataque de uma equipa de Futebol. Motricidade. Vol. 10. Núm. 1. 2014. p. 27-37.
- 35-Martens, R.; Christina, R.; Harvey, J.; Sharkey, B. Coaching young athletes. Champaign. Human Kinetics. 1981.
- 36-McGarry, T. Applied and theoretical perspectives of performance analysis in sport: Scientific issues and challenges. International Journal of Performance Analysis in Sport. Vol. 9. 2009. p.128-140.
- 37-Neves, L. Sociedades Anónimas Desportivas e Mercado de Capitais: Análise de Uma Década. Dissertação de Mestrado. Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. Lisboa. 2009.
- 38-Pereira, L.F.G. Modelação do jogo de futebol - Comparação das percepções dos



treinadores: Modelo de Jogo Ideal versus Modelo de Jogo Real. 2006.

39-Reverdito, R.S.; Scaglia, A.J.: Pedagogia do Esporte: jogos coletivos de invasão. São Paulo. Phorte. 2009.

40-Rocha, J. Scouting - A Realidade dos Sub-22. Monografia de Licenciatura. Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto. Porto. 1996.

41-Sarmento, H. Análise do jogo de futebol - Padrões de jogo ofensivo em equipas de alto rendimento: uma abordagem qualitativa. Tese de doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real. 2012.

42-Scaglia, A.J. O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. 2003. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2003.

43-Scaglia, A.J.; Reverdito, R.S.; Leonardo, L.; Lizana, C.J.R. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. Revista Movimento. Vol. 19. Núm. 4. 2013. p. 227-249.

44-Silva, P.M.; Castelo, J.; Santos, P.; Caracterização do processo de análise do jogo em clubes da 1ª liga portuguesa profissional de futebol na época 2005/2006. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. Vol. 25. Núm. 3. 2011. p. 441-453.

45-Silva, L.F.N.; Prado, H.R.M.; Scaglia, A.J.; Competências requeridas ao treinador de futebol: um olhar a partir dos jogadores de futebol. Corpoconsciência. Vol. 22. Núm. 1. 2018. p. 24-39.

46-Sparkes, A. C.; Smith, B. Qualitative research methods in sport, exercise and health: From process to product. Nova Iorque. Routledge. 2014.

47-Teodorescu, L. Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos. Bobadela: Instituto Piaget. Livros Horizonte. 1984.

48-Thiengo, C.R. Glossário do futebol brasileiro: termos e conceitos relacionados às

dimensões técnica e tática. 2ª edição. Rio de Janeiro. 2020. E-book.

49-Thomas, J.; Nelson, J.; Silverman, S. Métodos de pesquisa em atividade física. Artmed. 2012.

50-Vasconcellos, M.J.E. Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência. Campinas. Papirus. 2002.

51-Ventura, N. A influência do scouting na preparação do microciclo no treino de futebol - Um estudo centrado no pensamento do treinador. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa. 2011.

52-Ventura, N. Observar para Ganhar - O Scouting como Ferramenta do Treinador. Lisboa. Prime Books. 2013.

53-Yin, R.K. Qualitative research from start to finish. New York. The Guilford Press. 2011.

E-mail dos autores:

vitopaiecorreia@gmail.com

luisfelipenogu@gmail.com

alcides.scaglia@gmail.com

Autor correspondente:

Vitor Augusto Paié Correia

vitopaiecorreia@gmail.com

FCA/UNICAMP.

Rua Pedro Zaccaria, 1300,

Jardim Nova Itália, Limeira, São Paulo, Brasil.

Recebido para publicação em 07/10/2020

Aceito em 10/03/2021